

Marcos Palmeira brilha em três filmes no Festival de Gramado e atua em mais dois longas nos próximos meses

LANÇAMENTO

DICAS
PARA A
PRIMEIRA
GRAVAÇÃO

Nahima Maciel
Da equipe do Correio

Fita demo. Há dez anos, mencionar essas duas palavrinhas era simplesmente minar os sonhos das bandas de fundo de garagem ainda virgens quanto ao mercado musical. Produzir uma demo ocupava tempo e dinheiro de gravadoras, que por isso passaram a investir somente nos músicos já conhecidos, com chances de retorno quase garantidas. Mas uma década passou e hoje fala-se até, sem nenhum pudor, em CD-demo.

Pensando em orientar os candidatos a uma vaga no mercado fonográfico, a dupla de músicos Marcelo de Oliveira e Rodrigo Lopes criou o primeiro *Manual de Produção de CDs e Fitas Demo*, que tem lançamento hoje no Carpe Diem.

"Os músicos iniciantes desconhecem aspectos fundamentais da produção de um disco ou fita", explica Marcelo. O manual, dividido em três partes, tem desde lembretes básicos como a escolha do repertório até um glossário de termos técnicos e gráficas empregadas em estúdios de gravação.

Tudo organizado de forma didática, para ser seguido passo a passo. "No *music business* fazer música não é tudo. Para viver, o artista precisa estabelecer uma carreira na indústria musical", ensinam os autores.

A fita demo, do inglês *demonstration*, é o primeiro contato do artista com o mercado. A divulgação bem feita e os cuidados com todas as etapas da produção, do equipamento ao texto do encarte, acabam definindo a aceitação do trabalho.

"Se for para fazer, então que se faça o melhor", aconselha Marcelo, que também é músico e trabalha com editoração gráfica. Formado em produção cultural, ele próprio já passou por todas as fases de afirmação mercadológica, quando gravou a primeira demo, há quase 20 anos.

Marcelo e Rodrigo, hoje gerente artístico da Polygram, montaram uma banda de garagem na adolescência e decidiram engratar a carreira mandando uma amostra do trabalho a rádios, revistas e jornais.

A experiência motivou a elaboração de uma apostila independente, em 1994, numa espécie de prévia do manual publicado este mês. "Na época, fizemos tudo com xerox, mas bem editado, tiramos 100 exemplares e mandamos para músicos, estúdios, revistas e jornais. As pessoas começaram a ligar e pedir dicas, então resolvemos fazer o livro", conta Marcelo.

Depois de entender como funciona o mercado, a assinatura de contratos e garantias de direitos autorais, o iniciante deve partir para definições práticas. É a chamada pré-produção, quando o artista encara o mais difícil: quanto tem para gastar.

Para isso, o manual sugere uma planilha de custos, um cronograma de atividades e levanta pontos a serem avaliados, como a seleção do equipamento, arranjos e ensaios. "É a parte prática, onde a gravação deve ser excelente, a capa e encarte têm que ser planejados e a divulgação, bem pensada", lembra Marcelo.

Glaucio Detmar 4.8.97



Marcos Palmeira será o protagonista do filme brasileiro *O Casamento de Louise*, de Betse de Paula, a ser rodado no início de 1998

SERVIÇO
MANUAL DE PRODUÇÃO DE
CDs E FITAS DEMO
De Marcelo Carvalho de Oliveira e Rodrigo
de Castro Lopes. Editora Gryphus, 257
páginas, R\$ 21. Lançamento, às 19h, no
restaurante Carpe Diem (SCLS 104).

José Rezende Jr.
Da equipe do Correio

SE O SONHO DE QUEM AMA
O CINEMA É FAZER CINE-
MA, O ATOR MARCOS PALMEIRA
É UM CINÉFILO EM ESTADO DE
GRAÇA. A PARTIR DE AMANHÃ,
ELE É O GAÚCHO MANCO QUE
AJUDA A MÃE A SAQUEAR CADA-
VERES DURANTE A SANGRENTA
REVOLUÇÃO FARROUPILHA
QUE VARREU O RIO GRANDE DO
SUL ENTRE 1835 E 1845.

Mas é, também, o campeão de rodeios no Texas que volta ao rico interior paulista e se transforma num caubói solitário em busca de justiça. E é, ainda, o jovem do interior do Espírito Santo que se muda para a capital capixaba e se apaixona pela locutora de um programa de rádio.

O 25º
Festi-
val

de Gramado, que começa amanhã, tem a cara — ou as muitas caras — de Marcos Palmeira. Seu nome aparece estampado nos cartazes de três filmes: *Anahy de Las Misiones*, de Sérgio Silva, que será exibido fora de competição, *Buena Sorte*, de Tania Lamarca, e *O Amor Está no Ar*, de Amylton de Almeida, ambos candidatos ao Kikito de Melhor Filme Brasileiro.

E olha que Gramado poderia ter até um quarto Marcos Palmeira em cartaz: ele é, também, um homossexual na comédia *Como Ser Solteiro no Rio de Janeiro*, de Rosane Svartman, que ficou fora da Mostra Competitiva por não ter sido concluído a tempo.

Mas não é só (só?). Em setembro, o ator veste a alma do maestro e começa

inglesa na comédia romântica *O Casamento de Louise*, de Betse de Paula. Detalhe: Marcos Palmeira é filho de Zelito Vianna e irmão de Betse.

O ator — que estreou aos sete anos de idade no média-metragem *Copacabana, Minha Terra*, de Arthur da Távola, e depois fez vários papéis menores em filmes como *Memórias do Cárcere* até chegar ao primeiro time com *De-dê Mamata e Sielinha* — está feliz com a perspectiva de trabalhar em família. Mas estaria feliz do mesmo jeito se os diretores de seus próximos filmes não fossem tão íntimos. É que Marcos Palmeira ama as luzes do set e a escuridão do cinema.

"O cinema lubrifica a engrenagem da vida. Quando a coisa aperta, amigo, entra num cinema, espera a luz apagar e se isola naquele universo. Nada se compara à magia de ver cinema. A não ser fazer cinema, porque aí é você quem propicia essa magia", entusiasma-se, em entrevista ao Correio Dois.

De tanto fazer cinema, ele já não tem tempo de ver tanto cinema. Mas o cinéfilo de gosto eclético — gosta, por exemplo, de *Papillon*, de Franklin Schaffner, *A Família*, de Ettore Scola, *O Povo Contra Larry Flint*, de Milos Forman, e *Pixote*, de Hector Babenco —, que costumava assistir a dois filmes por semana, acha que vale o sacrifício de trocar a poltrona pela tela. Só não concorda com o título de "galã do cinema brasileiro".

"Isso não me interessa. Quero ser mais um veículo para que as histórias sejam contadas. E quero que as pessoas saiam de casa para assistir-

las", afirma.

E se o nome Marcos Palmeira estampado no cartaz ajuda a tirar o público de casa, tanto melhor.

"Não sei se tenho essa capacidade, mas se tiver, ótimo. Da mesma forma que as pessoas saem de casa para ver o De Niro, têm que sair também para ver o José Wilker. Não se trata de fazer um filme comercial só para ganhar dinheiro, mas a palavra 'popular' não pode mais ser um peyorativo. Quero ver as filas dobrando as esquinas", defende.

Na verdade, Marcos Palmeira quer muito mais do que isso: quer o público fazendo fila para ver a própria cara na tela. "Nós temos preconceito contra nós mesmos.

É hora da gente se enxergar, porque o brasileiro é um povo supercriativo, generoso, solidário", elogia o ator que chegou ao estrelato interpretando personagens broncos, mas irresistíveis como os brasileiroíssimos Tadeu, de *Pantanal*, e João Pedro, em *Renascer*.

"Sabe qual foi o maior elogio que eu recebi? Foi durante as gravações de *Pantanal*, quando um homem lá da região comentou com a equipe de produção: 'Mas vocês arrumaram um pantaneiro bom, heim? O caboclo sabe até decorar as falas!' O pantaneiro era eu", lembra, com um sorriso. E já não se sabe se esse é o sorriso do gaúcho saqueador de cadáveres, do caubói paulista, do capixaba apaixonado...

a rodar *Villa-Lobos*, sob a batuta do diretor Zelito Vianna. E no início do ano que vem, Marcos Palmeira estará em Brasília na pele do malandro carioca Raul, apaixonada pela fleumática diplomata